

ARTIGO

# OS ANARQUISTAS ORDENAM O MUNDO: A FILOSOFIA DE PROUDHON E BAKUNIN

## ANARCHISTS SORT THE WORLD: PROUDHON AND BAKUNIN'S PHILOSOPHY

Luciana Brito

Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marília, Marília, São Paulo, Brasil.

**Resumo:** Lançar luz sobre pensamentos relegados às sombras é o objetivo do presente escrito. Através do resgate de elaborações teóricas de Pierre-Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin acerca da ordem do mundo natural e humano, pretendemos demonstrar como, a partir delas, é desenvolvido um pensamento multidisciplinar cujo legado proporciona um instrumental teórico de caráter metodológico-epistemológico fundador de um tipo particular de materialismo e de uma dialética. Trata-se de promover um resgate das contribuições desses pensadores marginalizados em âmbito acadêmico, postulando a relevância dessa abordagem enquanto linha de pensamento filosófico e, mais ainda, de apontar para o necessário alargamento das fronteiras da Filosofia.

**Palavras-chave:** Proudhon; Bakunin; Teoria anarquista clássica;

**Abstract:** To shed light on thoughts relegated to the shadows is the purpose of this writing. Through the redemption of theoretical elaborations from Pierre-Joseph Proudhon and Mikhail Bakunin about the order of the natural and social world, we intend to demonstrate how, by them, a multidisciplinary thinking is developed, whose legacy provides a theoretical tool of methodological and epistemological character, founder of a particular kind of materialism and dialectics. This is a rescue of the contributions of these marginalized thinkers in the academic sphere, postulating the relevance of this approach as a philosophical line of thought and, moreover, to point to the necessary expansion of the philosophy's frontiers.

**Keywords:** Proudhon; Bakunin; Classical anarchist theory;



## Introdução

Os recentes levantes populares em todo o mundo inspiraram diversas reações dos defensores da ordem social, dentre elas, a atualização de visões estigmatizadas sobre os anarquistas e sua ideologia. A mídia corporativa retoma o discurso do início do séc. XX que promove a criminalização da “ameaça anarquista” nos protestos, reforçando estereótipos diversos, como a suposta aversão à moral e costumes sociais, o apego a uma radicalidade insana, a promoção irresponsável do caos e da destruição, entre outras alcunhas historicamente atribuídas aos adeptos do ideário anarquista.

Em âmbito acadêmico, a hegemonia de ideologias opositoras, bem como a carência de acesso à produção bibliográfica dos autores clássicos do anarquismo, impuseram uma condição de marginalidade às elaborações teóricas do campo anarquista. A historiografia marxista logrou reduzir o anarquismo a um fenômeno particular do estágio primitivo do movimento operário ou como antagonista fantasmagórico no debate de posições com o marxismo.<sup>1</sup> Em oposição a essa conceituação caricatural do anarquismo, recentemente nota-se um movimento de resgate de seus fundamentos teóricos e políticos no meio acadêmico, com a publicação de traduções integrais de textos clássicos e de estudos importantes sobre estes, além da realização de diversos seminários, grupos de estudos e conferências a nível nacional e internacional<sup>2</sup> (especialmente por ocasião do bicentenário de Bakunin, em 2014), o que tem promovido novas e importantes contribuições para análises mais fidedignas do conteúdo do pensamento anarquista a partir de suas próprias fontes e não de premissas abstratas e reducionistas.

O ciclo mundial de resistências contra os efeitos das políticas neoliberais nas periferias, os movimentos antiglobalização e as insurreições indígenas e camponesas desde a segunda metade dos anos 90 promoveu um ressurgimento renovado do anarquismo no campo da política internacional, uma virada anarquista, ou ainda, *anarchist turn* (FERREIRA, 2016a). Esse fenômeno é marcado tanto por um movimento de cima, com a eleição dos grupos, símbolos e práticas anarquistas como sinônimo de ameaça interna ou inimigo público, alvos preferenciais da repressão política, quanto por um movimento de baixo, com a retomada da tradição teórica e organizativa do anarquismo como referência para diversos grupos e atores políticos. Esse retorno das ideias e propostas organizacionais anarquistas no cenário da luta de classes internacionalmente recoloca na ordem do dia a retomada das formulações da teoria anarquista clássica.

Compreendendo a importância de superar as interpretações superficiais e equívocas sobre a produção teórica do anarquismo clássico, faz-se importante lançar luz sobre elaborações teóricas fundamentais de seus principais articuladores, Joseph-Pierre Proudhon e Mikhail Bakunin<sup>3</sup>, cujo desenvolvimento proporciona a constituição de uma teoria multidisciplinar materialista e um método dialético particular.

Trata-se aqui de privilegiar a interlocução com debates fundantes da Filosofia, como os questionamentos acerca da origem do mundo, da natureza e da humanidade. Para tanto, nos apoiaremos especialmente nas obras *Considerações filosóficas sobre o fantasma divino, o mundo real e o homem*<sup>4</sup>, de Bakunin e *Da criação da ordem na humanidade*

<sup>1</sup> Sobre a conformação histórica das conceituações de anarquismo, consultar FERREIRA, 2014.

<sup>2</sup> No Brasil, destacamos as iniciativas do Núcleo de Estudos do Poder/UFRRJ, como a realização do seminário *Anarquismo, pensamento e práticas insurgentes*, em 2015, e a publicação da coletânea *Pensamento e práticas insurgentes*, em 2016 – importantes referências para o presente artigo.

<sup>3</sup> Para os fins propostos por este trabalho, nos ateremos às aproximações existentes no trabalho dos dois pensadores, colocando de lado, por hora, seus distanciamentos. É importante demarcar que suas contribuições teóricas não foram produzidas conjuntamente e que Bakunin fez parte de uma geração de socialistas influenciada pelas ideias proudhonianas, já largamente difundidas entre os setores revolucionários.

<sup>4</sup> Trata-se de um apêndice à obra *Império Knuto-germânico e a revolução social*, datado de 1871. O manuscrito foi interrompido, deixando inconclusa sua quinta parte, “Filosofia, ciência”.

ou *Princípios de organização política*<sup>5</sup>, de Proudhon e, igualmente, nas contribuições importantíssimas de alguns de seus comentadores, fundamentais para o entendimento e difusão do pensamento dos autores clássicos nos dias atuais.

## Uma ontologia materialista

A discussão a respeito da ordem do mundo e da manifestação dos seres é de fundamental importância para o estudo da filosofia de Proudhon e Bakunin, pois nos oferecem bases analíticas e conceituais fundamentais que constituirão a abordagem coletivista, paradigma da teoria anarquista clássica caracterizada por:

1) uma ontologia naturalista (que concebe a natureza numa relação de continuidade e descontinuidade com a sociedade); 2) uma dialética negativa e serial (categorias que se englobam e acumulam pela negação das anteriores); 3) uma posição crítica frente aos poderes científicos e político-econômicos, representada no plano do saber pelo anti-idealismo, que aparece como a negação da religião e metafísica (criacionismo, contratualismo ou qualquer explicação antinaturalista e anti-histórica para a origem da sociedade) (FERREIRA, p.57, 2016b)

Bakunin é categórico sobre o ponto de partida da investigação filosófica – para se construir um conhecimento profundo e completo acerca da lógica do mundo e dos seres é preciso partir de sua existência real, do estudo dos detalhes que os compõem, dos fatos e fenômenos que fazem parte de sua constituição e das relações de causalidade que estabelecem:

O que é a verdade? É a justa apreciação das coisas e dos fatos, de seu desenvolvimento ou da lógica natural que se manifesta neles. É a conformidade mais severa possível do movimento do pensamento com o do mundo real, que é o único objeto do pensamento. Portanto, todas as vezes que o homem raciocinar sobre as coisas e sobre os fatos sem se preocupar com suas relações reais e com as condições reais de seu desenvolvimento e de sua existência; ou então quando construir suas especulações teóricas sobre coisas que não existiram jamais, sobre fatos que não puderam ocorrer nunca e que possuem apenas uma existência imaginária, fictícia, na ignorância e na estupidez histórica das gerações passadas, será derrotado necessariamente, por poderoso pensador que seja. (BAKUNIN, 2014, p.363-364)

Nesse sentido, qualquer forma de especulação sobre uma causa primeira, a autoridade divina, a imortalidade da alma, o dualismo metafísico das substâncias, ou qualquer hipótese de caráter idealista e misantropo<sup>6</sup>, deve ser extirpada do seio da filosofia, sob o risco de condená-la a um trabalho inócuo.

Essa concepção de Bakunin pode ter suas raízes fincadas na crítica tecida por Proudhon àquilo que este identifica como contaminação religiosa na Filosofia – a centralidade da noção de causalidade na explicação dos eventos. Segundo o pensador francês, de maneira similar ao pensamento religioso, a filosofia causalista, ao supor a sucessão de causa e efeito, acaba inevitavelmente por apontar para a existência de uma hierarquização de forças, na qual forças superiores seriam geradoras de eventos menores. Esse procedimento de distinção entre forças agentes e forças derivadas implica em assumir hierarquia entre dois polos envolvidos numa relação, em que a força maior figura como absoluta e a outra como elemento derivado, menor, sem força em face de seu impulso inicial, ou ainda, implica em assumir uma relação de

<sup>5</sup> Datada de 1843, reconhecemos esta obra como marco da formulação do método proudhoniano.

<sup>6</sup> Pois o cristianismo, como eu acabo de provar, é a negação absoluta e sistemática da moralidade, da dignidade, da caridade, dos direitos e dos deveres do homem. [...] quem fala sobre religião, fala sobre empobrecimento da terra para o céu – e quem transporta a realização dos destinos humanos para o céu, condena necessariamente a terra e, com ela, o homem vivo e real, à degradação, à miséria e à escravidão. (BAKUNIN, 2014, p.83)

autoridade entre eventos causais e seus efeitos. O foco no exame dos conteúdos causais seria, segundo Proudhon, um indício de continuidade do autoritarismo intrínseco ao pensamento religioso, reverberando ainda nas primeiras fases de desenvolvimento do pensamento filosófico.

Proudhon aponta inconsistência na admissão de que a uma causa se segue um efeito, visto que a experiência humana apenas oferece ao entendimento a percepção de uma sucessão de eventos:

Considerando a criação segundo as três categorias de substância, causa, relação, chegamos ao resultado que os seres perceptíveis para nós pelas relações que sustentamos com eles nos permanecem impenetráveis em sua substância; que as causas, inapreensíveis em seu princípio e sua origem, nos deixam entrever apenas a sucessão de seus efeitos. As relações das coisas, a ordem e a desordem, o belo e o feio, o bem e o mal, eis aí tudo o que cai sob a observação do homem, tudo o que é objeto de sua ciência. (PROUDHON, 2016, p.72)

Ao considerar que “o que percebemos da natureza é sempre, no fundo, lei ou relação, nada mais.” (PROUDHON, 2016, p.77), Proudhon indica a necessidade de explicar as coisas a partir da observação do modo como estas se inserem no emaranhado de relações que constituem o real observável, abandonando o impulso intelectual de buscar causas geradoras anteriores aos fenômenos, cuja força seria superior ao fenômeno que geram, impulso esse que acaba por dar margem à possível existência de uma causa absoluta, de potência infinita.

Segundo Proudhon, “Entendemos por *causa* a força primitiva que determina uma mudança de estado, uma produção de ordem ou de desordem, numa palavra, um movimento” (PROUDHON, 2016, p.73). A concepção de movimento é fundamental para as elaborações proudhonianas acerca da ordem do mundo, pois para o autor, tanto no mundo natural quanto social, todos os elementos se desenvolvem a partir de um movimento espontâneo - não linear, mas oscilante -, de modo que todos os processos existentes no mundo são dotados de um curso particular de desenvolvimento (que pode se desenrolar livremente ou ser alterado arbitrariamente pela ação de forças externas). De modo geral, pode-se sintetizar no conceito de natureza tudo aquilo que aparece à cognição humana como dotado de um movimento espontâneo próprio.

O princípio de movimento proudhoniano se afasta da concepção comteana de progresso, visto que não faz referência a algum estágio final (alvo) de um processo evolutivo e, desse modo, esquiva-se da perspectiva de que o desenvolvimento contínuo dos elementos do real seja dotado de progressão sucessiva, pois, ao contrário, evidencia a ausência de um sentido único e predeterminado nos movimentos constituintes da totalidade do real<sup>7</sup>. Eis aqui uma “visão plástica e maleável da realidade e de seus desenvolvimentos históricos que é marca característica de Proudhon” (BORBA, 2008, p.185)

Do mesmo modo, Bakunin trata a questão assumindo a existência de um complexo emaranhado de interrelações entre todos os elementos do real, constituído por todas as ações e reações produzidas continuamente por todas as coisas, combinadas em um movimento geral. O motor desse movimento é a transformação, de modo que os processos perpétuos de transformação de cada coisa agem sobre todo o resto, incidindo sobre a totalidade e, simultaneamente, sendo influenciados por sua reação. Dessa forma, a totalidade das coisas existentes é efeito da ação simultânea de uma infinidade de eventos particulares e das transformações incessantes de todas as coisas que existem. O universo se produz no movimento de incidência de múltiplas forças, umas sobre as outras, pois esse movimento determina a configuração física,

<sup>7</sup> Para Proudhon, não há, na totalidade do real, qualquer sentido de ordem única e crescentemente manifesta. Isso implica em negar qualquer concepção providencial da História e afastar-se da idealização de um objetivo final do desenvolvimento humano, o que implicará na negação de qualquer forma de determinismo histórico em suas elaborações teóricas acerca da sociedade, da economia e da política.

química, geográfica e mecânica do planeta, toda a existência biológica – a vida vegetal e animal - e todo o mundo humano.

Desse modo, a natureza particular de uma coisa não pode ser conhecida apenas pela soma das causas que a produziram mas sim através da observação de suas diferentes manifestações e das ações que exerce pra além de si. Tudo o que existe, só existe no movimento de ação e reação incessante sobre outras coisas do mundo real, ou seja, as propriedades de um elemento da natureza, seu movimento e o seu fazer são determinantes fundamentais de seu ser. A ação seria então, a categoria ontológica fundamental para Bakunin:

Tudo o que chamamos de propriedades das coisas: propriedades mecânicas, físicas, químicas, orgânicas, animais, humanas, não são nada além de diferentes modos de ação. Toda coisa é uma coisa determinada ou real apenas pelas propriedades que ela possui; e ela as possui apenas enquanto as manifesta, já que as propriedades determinam as suas relações com o mundo exterior; disto resulta que toda coisa só é real enquanto se manifesta, enquanto age. A soma das suas ações diferentes, eis aí todo o seu ser. (BAKUNIN, 2014, p.430)

A dinamicidade da ação é o elemento central da investigação sobre a constituição dos seres e do mundo e, portanto, seria equivocado atribuir à natureza uma caracterização que defina suas estruturas como estáveis e não contraditórias, pois, ao contrário, o mundo fenomênico<sup>8</sup> é dotado de instabilidade. O real é marcado pela transitoriedade.

Nessa condição, a realidade seria um infinito sistema dinâmico de relações. Os sistemas, em sua totalidade, são equilibrados, como sistemas de contrapesos, mas esse equilíbrio é sempre instável e sujeito a diversas perturbações. A totalidade do real seria então a composição complexa de uma infinidade de oposições balanceadas que, em conjunto, produzem uma composição relativamente equilibrada - quando se considera a relação entre suas partes. Essa totalidade composta se produz e reproduz em um movimento incessante no qual se produz um equilíbrio relativo.

Apesar da aparente perturbação, existe nesse movimento uma sucessão de fenômenos ou de fatos que se repetem constantemente sob as mesmas circunstâncias e que sob novas circunstâncias se modificam também de maneira regular. Essa constância na reprodução dos fenômenos pode ser traduzida na forma de leis que expressam “a ordem na infinita diversidade dos fenômenos e dos fatos” (BAKUNIN, 2014, p.341). Disso decorre que o mundo natural e a sociedade<sup>9</sup> são governados por leis que, longe de poderem ser controladas, são apenas a racionalização dos processos regulares da natureza apreendidos pela humanidade

Quanto às leis da natureza, estas só se manifestam, sob essa forma ideal ou abstrata de lei, para a inteligência humana, quando, reproduzidas por nosso cérebro, com base em observações mais ou menos exatas das coisas, dos fenômenos e da sucessão dos fatos, tomam a forma de ideias humanas quase espontâneas. Anteriormente ao nascimento do pensamento humano, não são reconhecidas como leis por ninguém e só existem no estado de *processos reais da natureza* (BAKUNIN, 2014, 345)

Essas leis inerentes ao mundo natural e ao mundo social não são outra coisa senão modelos descritivos que representam a lógica observada na natureza, a partir da qual a humanidade pode, ao longo de seu desenvolvimento histórico, construir conhecimento.

<sup>8</sup> Podemos compreender a concepção de mundo fenomênico como sinônimo de realidade humanamente captável, pois Proudhon define os fenômenos como os elementos constituintes do mundo físico que podem ser captados pela percepção humana, incluindo as ações e as ideias.

<sup>9</sup> “É evidente que a sociedade humana, considerada em toda a extensão e em toda a amplitude de seu desenvolvimento histórico, é tão natural e está tão completamente subordinada a todas as leis da história quanto o mundo animal e vegetal” (BAKUNIN, 2014, p.346). Para compreender melhor o debate travado por Bakunin sobre a relação de continuidade entre natureza e sociedade, ver BRITO, 2015.



## Uma teoria do conhecimento

Para abordar o modo como nossos autores trataram a questão do conhecimento, nos parece útil desdobrá-la em duas - o problema da origem das ideias e o do desenvolvimento cognitivo individual e coletivo.

Bakunin define a faculdade de pensar como a capacidade propriamente humana de separar, combinar e comparar representações de objetos que são dadas à cognição pelos órgãos dos sentidos. Desse trabalho de formação e organização das noções abstratas, bem como de sua retenção pela memória, advém conclusões – as ideias. Para o russo, a faculdade formal de conceber pensamentos é consequência de uma organização particular das estruturas neurológicas do animal humano, de modo que o “conjunto de faculdades afetivas, intelectuais e volitivas que constituem o mundo ideal ou espiritual do homem – não é nada mais que a última e mais alta expressão de sua vida animal, das funções completamente materiais de um órgão material, o cérebro.” (BAKUNIN, 2014, p.351-352).

Com relação ao funcionamento formal da faculdade de pensar, Proudhon descreve a capacidade de raciocinar como similar à concepção matemática de razão - o conceito de racionar, ou seja, dividir um todo distribuindo-o em partes equilibradas e coerentes entre si.

A observação de certa constância no movimento das partes constitutivas dos fenômenos permite que se atribua a ele certa identidade, a partir do reconhecimento de certa particularidade em suas diversas ocorrências. Considerando que toda estabilidade é precária, fruto de um equilíbrio instável, essa estabilidade fenomênica não é outra coisa senão uma ilusão construída pelo intelecto humano diante de sua incapacidade de captar algo em fluxo constante de transformação (BORBA, 2008). Desse modo, pode-se dizer que esse equilíbrio sistêmico é resultante de uma operação de abstração, de um exercício fixista da cognição humana para a captação dos fenômenos.<sup>10</sup> O pensamento se organiza, então, através da fixação abstrata de momentos do fluxo das coisas, observando e comparando os elementos imóveis para concluir algo sobre seu movimento. A apreensão humana dos fenômenos se dá envolvida por uma tendência absolutizante da cognição humana, que procede através da abstração simplificadora dos conteúdos em sua diversidade e multiplicidade, tornando esses conteúdos passíveis de esquematização formal, de modo a torna-los mais facilmente assimiláveis. Resumidamente, a percepção humana tem características delimitadoras e fixistas, por operar através do estabelecimento de simplificações, recortes e dicotomias do fluxo difuso da realidade que é, em si mesma, dotada de fluidez (aos moldes do debate de Heráclito).

Com relação ao conteúdo do mundo intelectual, Bakunin defende que os pensamentos são constatações e conclusões (mais ou menos razoáveis) dos fatos naturais e sociais. Esse conteúdo, longe de ser estático e inato, é proporcionado e transformado continuamente pela experiência e pela ação de toda a humanidade. Desse modo, a subjetividade individual se constrói em um meio social e é determinada por suas condições morais, sociais e políticas. O conhecimento individual tem seus conteúdos oriundos de um processo de aprendizagem social, de uma relação com a cultura, os valores e as tradições do grupo social ao qual pertence na qual são transmitidos os conhecimentos historicamente acumulados por essa coletividade, de modo que o pensamento individual é fruto da experiência coletiva.

Expressa-se aqui uma concepção materialista que atribui a origem das ideias e da cognição à uma combinação de fatores fisiológicos e sociais. Nessa perspectiva,

---

<sup>10</sup>Importante observar que Proudhon não atribui artificialmente o equilíbrio aos conjuntos de elementos em movimento, mas apenas verifica que os fenômenos aparecem para a cognição como se fossem dotados dessa característica

o desenvolvimento cognitivo é determinado sinteticamente por relações biológicas e sociológicas (ABRUNHOSA, 2015).

Em *Criação da ordem*, Proudhon debate a formação e o desenvolvimento intelectual da sociedade humana, caracterizando três estágios da atividade cognitiva<sup>11</sup> individual e coletiva, criando um modelo descritivo dos processos de aquisição/construção do conhecimento, aplicável tanto à psicologia do indivíduo quanto à experiência histórica das sociedades humanas. Em *Considerações*, Bakunin assimila e aprofunda a caracterização desses estágios. Ao examinar o desenvolvimento da faculdade cognitiva humana, Proudhon e Bakunin identificam três fases: a religiosa, a filosófica e a científica.

A religiosidade seria o estágio mais primitivo, a primeira forma de manifestação da compreensão humana sobre o mundo, cuja característica predominante é a fascinação pela substancialidade. O seguinte estágio seria o rompimento com o fixismo religioso por uma racionalidade de caráter mobilista, a filosofia, fase caracterizada principalmente pelo fascínio pela causalidade. O estágio científico supera a filosofia e proporciona maior grau de certeza sobre a realidade ao tomar por objeto as relações entre as coisas.

O homem, antigo teólogo, antigo metafísico, porém já cansado tanto da teologia quanto da metafísica, por causa da esterilidade de seus resultados, em termos de teoria, e também por causa de suas consequências tão funestas na prática, leva, naturalmente, todas estas ideias para a ciência [...] Ele duvida e rejeita, antes de tudo, não tanto estas criações, estas ideias, quanto os métodos, as vias e os meios, através dos quais a teologia e a metafísica as criaram (BAKUNIN, 2014, p.393)

Religião, filosofia e ciência aparecem como três formas distintas de obter conhecimento, ou três formas distintas da atividade cognitiva, que se diferem pelo grau de aprofundamento que proporcionam. Importante salientar que cada estágio não é completamente superado pelo seguinte, todos coexistem sempre, mas com diferentes graus de predominância, de acordo com as necessidades de cada momento histórico. Os estágios são sucessivos em termos de predominância, mas seus elementos permanecem concomitantes na realidade individual ou coletiva.

Cada um desses diferentes níveis da atividade cognitiva emerge do anterior, como uma contradição interna, que progressivamente se desenvolve e toma a forma de uma oposição independente. A filosofia surge como negação da religião, absorvendo seu legado e constituindo-se posteriormente como atividade distinta da primeira. A ciência surge da recomposição dos elementos presentes nos estágios anteriores, desenvolvendo-os em um novo sistema que se opõe aos anteriores, como uma oposição dialética.

É justamente a partir da análise do desenvolvimento histórico do pensamento que Proudhon introduz, em seu texto de 1843, seu método dialético (Borba, 2008).

## Um método dialético

Como muito bem pontuado por Gurvitch, “A causa da dialética está perdida desde logo se começa por aliar-se a uma tomada de posição filosófica ou científica particular” (GURVITCH, 1971, P.10). Ainda é preciso frequentemente lembrar ao mundo acadêmico que considerar a dialética como algo circunscrito exclusivamente à ortodoxia do pensamento hegeliano e marxiano significa operar um reducionismo grosseiro.

<sup>11</sup> Essa tese remete às elaborações de Saint-Simon e Comte, absorvidas criticamente por Proudhon que, ao desenvolvê-las, afasta-se dos dois autores. Ver mais em BORBA, 2008.

A opção teórica pelo afastamento da dialética hegeliana, referência fundamental da ala hegemônica da esquerda socialista, é frequentemente interpretada como uma opção política de afastamento dos posicionamentos socialistas. Esse é um procedimento comum entre os comentadores de Proudhon e Bakunin filiados ao campo liberal e/ou marxista, introduzido maliciosamente através de argumentações pouco consistentes, como a acusação de incapacidade de compreender a obra de outros pensadores, desmerecimento de suas formulações teóricas e, indo mais baixo, “análises” psicologistas que atribuem seus posicionamentos à patologias ou aspectos excêntricos de suas personalidades.<sup>12</sup> Trata-se de uma clara opção pelo demérito dos opositores, numa tentativa de silenciar o eco de suas formulações tanto no âmbito do debate filosófico quanto da disputa política.

Apesar das divergências entre as distintas concepções, é possível identificar traços comuns aos principais tipos de dialéticas: 1) direcionamento simultâneo aos conjuntos e seus elementos constitutivos, relacionando unidade e multiplicidade; 2) negação das leis da lógica formal, dos procedimentos meramente discursivos, acessíveis apenas pela abstração e não relacionados a algo de concreto; 3) combate à estabilidade artificialmente estabelecida, tanto para o real quanto para o conceitual; 4) manifestação das contradições e oposições, expressas em termos de antinomias ou polaridades (GURVITCH, 1971).

Esses elementos se fazem presentes na dialética serial fundada por Proudhon, objeto de nosso estudo introdutório. Antes, cabe combater os posicionamentos que atribuem à dialética de Hegel o mérito de ser a fonte do método proudhoniano que, ao contrário, criticou e recusou a dialética hegeliana, considerando-a insuficiente, de acordo com seu critério de articulação das elaborações teóricas com o real. Efetivamente, Proudhon afirma desde 1840 ter desenvolvido seu método tendo pouquíssimo contato<sup>13</sup> com a filosofia de Hegel – não por não compreendê-la, mas por não convencer-se de sua efetividade. Na direção oposta do pensamento hegeliano, Proudhon propõe “uma dialética *antinômica, antiteológica, antiestática, anticonformista, revolucionária*” (GURVITCH, 1971, p.139)

De caráter negativo e antitético, a dialética proudhoniana identifica a existência de contradições internas aos fenômenos, as antinomias, como ação-reação, criação-destruição, liberdade-autoridade, cujo movimento impõe a dinâmica dos eventos. Ao contrário da dialética hegeliana tricotômica, Proudhon não admite a resolução das antinomias, o que significaria a morte de ambos os polos opostos, cuja condição de existência é sua concomitância em um equilíbrio permanente, variável e instável, equilíbrio este que não se realiza em função da existência de um terceiro elemento que promove a síntese da natureza conflitante dos dois outros elementos, mas é, na verdade, fruto da ação recíproca dos dois elementos:

Os termos antinômicos não se resolvem, da mesma maneira que os polos opostos de uma pilha elétrica não se destroem. O problema consiste em encontrar não a sua fusão, que seria sua morte, mas seu equilíbrio, incessantemente instável e variável, segundo o próprio desenvolvimento da sociedade (PROUDHON apud GURVITCH, 1987, p.99)

O método dialético de Proudhon visa explorar, tanto quanto possível, a diversidade em todo seu detalhamento, o que só pode se efetivar através de um método experimentalista, orientado para a interação prática com o objeto, que inclui mas não se limita à percepção sensorial. Esse experimentalismo dinâmico proporciona à análise

<sup>12</sup>Na introdução do livro *Mikhail Bakunin: The philosophical basis of his anarchism*, Paul McLaughlin analisa as considerações de autores marxistas e liberais sobre Bakunin, apontando que convergem justamente no desmerecimento do caráter filosófico das teorizações do pensador russo.

<sup>13</sup>A obra de Hegel não havia sido traduzida para o francês durante toda a vida de Proudhon, ademais, este último não lia alemão. Desse modo, o acesso ao hegelianismo se deu apenas por fontes secundárias.

um aspecto pluralista, que considera e compara diferentes elementos e perspectivas, promovendo possibilidades mais amplas de interpretação. Trata-se, então, de um método dialético experimental e relativista, que busca depurar os conhecimentos a partir de sua confrontação com a experiência. Por essa característica, pode ser compreendido como uma espécie de empirismo dialético (GURVITCH, 1987, p.100).

Concebida ao mesmo tempo como movimento do real e como método, a dialética proudhoniana se dá através da integração das partes e do todo, da relação entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, de modo a buscar as diversidades integradas em totalizações nas quais se equilibram, porém, importante ressaltar, a partir da recusa de qualquer concepção de harmonia preestabelecida ou ordem transcendente. Em um esforço para afirmar-se tão realista quanto possível, essa dialética particular privilegia o movimento conflituoso e a ação de forças que operam constituindo determinada ordem, ou ainda, a multiplicidade coerente dos fenômenos.

Essa teorização acerca da relação unidade/multiplicidade adquire mais solidez ao apresentar o exame das séries como método de comparação e análise das diversas formas possíveis de ordenação dos fenômenos. Proudhon sintetiza sua noção de série como uma *composição* na qual se expressa uma *razão* particular<sup>14</sup> que organiza diferentes elementos em conjunto coerentemente ordenado.

A série tem por elemento a unidade – o conceito de unidade, como os de substância e causa, nos é sugerido, seja pela observação dos grupos naturais, seja pelo sentimento de nossa personalidade. Como a substância e a causa, como a continuidade e o repouso, a unidade absoluta é a indiferença nas coisas, a não-distinção, a identidade. O espírito a concebe; a teoria a supõe: mas os sentidos não a percebem. – A unidade é o alfa e o ômega do universo, entre os quais divaga a ciência do homem.

A série é a antítese da unidade: ela se forma da repetição, das proposições e combinações diversas da unidade.

Considerada como elemento de série, a unidade reveste todas as formas possíveis. (PROUDHON, 2000, p.171-172)

A dialética serial, enquanto procedimento de teorização das séries, consiste na perspectiva de que o conhecimento se aprofunda na medida em que se passa da unidade à série, partindo dos elementos mais simples até o entendimento da totalidade composta. Trata-se de um procedimento universalmente aplicável, pois todos os elementos do real podem ser tratados como séries (totalidades compostas) passíveis de decomposição em séries mais simples, de modo que se torna possível examinar a série como um todo através da observação das relações entre suas séries dialéticas (as menores possíveis). Tal procedimento pode ser sintetizado da seguinte forma: “Percorrê-la de unidade a unidade, estabelecendo portanto um percurso linear em seu interior, significa decompô-la em séries dialéticas sucessivas, e é deste modo que se procede naquilo que Proudhon chama de ‘dialética serial’” (BORBA, 2008, 238).

Em resumo, eleger a oposição dialética<sup>15</sup> unidade/série como instrumento a partir do qual erigir conhecimento é o método privilegiado para conhecer a realidade do mundo natural e humano, pois a ideia de seriação não é apenas uma “criação humana arbitrária, mas que reflete as relações que se encontram na própria natureza, traduzidas em leis gerais, e por isso pode ser erigida como método” (RUGAI, 2011, p.175).

<sup>14</sup>O que chamamos razão seria a sistematização racional da lei de decomposição de um sistema complexo, ou ainda, a racionalização da relação observável entre as unidades componentes de um conjunto.

<sup>15</sup>Oposição dialética pode ser compreendida como a oposição entre algo e sua negação, como contradição interna a um sistema, que pode ser explorada e desenvolvida para aprofundar o conhecimento dessa relação



No que tange à análise da realidade social, a dialética serial compreende a sociedade como uma totalidade multiforme, pluridimensional e orienta a explicação dos fenômenos e sistemas políticos e econômicos a partir das contradições internas das relações e dos sujeitos coletivos. A noção de forças coletivas se apresenta como elemento fundamental da criação de ordens sociais múltiplas e variadas, compostas de conflitos e equilíbrios constantes. Os sujeitos coletivos, grupos e classes sociais em atividade comum, são as forças coletivas que determinam a dinâmica dos processos sociais. Essas forças tanto podem assumir a forma de atividade produtiva e criadora quanto tornar-se opressoras e destrutivas, a depender da antinomia liberdade-autoridade, central para a definição dos processos sociais.

A ordem política repousa fundamentalmente em dois princípios contrários, a AUTORIDADE e a *Liberdade*: o primeiro iniciador, o segundo determinante; este tendo por corolário a liberdade de pensamento, aquele a fé que obedece. Contra esta primeira proposição, não penso que um só voz se possa levantar. A Autoridade e a Liberdade são tão antigas no mundo como a raça humana: nascem conosco, e perpetuam-se em cada um de nós. Notemos apenas uma coisa, a que poucos leitores atentariam: estes dois princípios formam, por assim dizer, um par cujos termos, indissolúvelmente ligados um ao outro, são contudo irredutíveis um ao outro e permanecem, independentemente do que façamos, em luta perpetua. A Autoridade supõe necessariamente uma Liberdade que a reconheça ou a negue; a liberdade por seu lado, no sentido político do termo, supõe igualmente uma autoridade que lide com ela, a reprima ou a tolere. Suprima-se uma das duas, a outra não faz mais sentido: a autoridade, sem uma liberdade que discuta, resista ou se submeta, e uma palavra a liberdade, sem uma autoridade que a equilibre é um contrassenso. (PROUDHON, 2001, 46).

A dialética interna às forças coletivas manifesta-se ilustrativamente na questão do trabalho que pode tanto ser fundamento da libertação humana quanto instrumento de dominação social. Essa contradição é determinada pelo equilíbrio variável da antinomia liberdade-autoridade com relação ao controle dos processos de trabalho, pois quando as forças centralizadoras impõem um controle de cima, a partir da vontade dos proprietários e do Estado, o trabalho se torna fonte de miséria e sujeição, mas, por outro lado, sob o controle dos próprios trabalhadores, organizados enquanto força coletiva horizontal e descentralizadora, o trabalho pode assumir a forma de atividade produtiva criadora e emancipadora.

De igual modo, a dialética proudhoniana mostra que na realidade social a liberdade e o determinismo social interpenetram-se, completam-se, opõem-se e polarizam-se de diferentes maneiras. As manifestações mais palpáveis da liberdade coletiva, bem como da liberdade individual, são as revoltas e as revoluções, que podem triunfar ou abortar, mas que, em qualquer dos casos, tornam impossível um progresso automático ou um travão contra a decadência e a estagnação eventuais. A dialética entre liberdade e determinismo na realidade social mostra que essa última não pode viver e mover-se sem ações, sem esforços, sem lutas incessantes, que rompem continuamente os equilíbrios (GURVITCH, 1971, p.152)

## Considerações Finais

Esta breve exposição das ideias dos autores em termos epistemológicos e metodológicos visa sugerir a revisitação de suas contribuições e, especialmente, de sua abordagem, visto que não se poderia pretender, em tão poucas páginas, esgotar toda a complexidade de sua teoria, mas apenas provocar o interesse dos interlocutores por ela.

Os elementos apresentados, recortados e combinados, oferecem subsídio para introduzir a construção filosófica de um método realista, constituído como um movimento de negação do absoluto, de derrubada dos conceitos cristalizados e, por isso, incapazes de captar as totalidades reais em movimento. Nesse processo

de construção, a Filosofia aparece como atividade investigacionista, movida pelo questionamento constante, como um apego ao fluxo constante do conhecer e não à detenção de conhecimentos. Trata-se de conceber a Filosofia como um exercício de mobilização do pensamento.

Esse trabalho metodológico de Proudhon e Bakunin busca enfrentar aquilo que em seu tempo se praticava como filosofia, a expressão de uma tendência de fuga da realidade, produzindo formulações que não correspondem a ela. Essa crítica - ainda tão pertinente nos dias de hoje - a uma função alienante da filosofia se traduz em sua obra como um estilo rústico de escrita, que apresenta as reflexões muito mais como exames provocativos da realidade do que como peças de apreciação acadêmica.

O sentido geral do pensamento de um autor não se forja apenas nos limites da lógica interna de sua obra, mas, para além disso, se constrói em sua imersão prática nas relações sociais estabelecidas ao seu redor, no modo como suas posições se inserem nos debates em voga na sociedade. Proudhon e Bakunin rejeitam uma esfera de produção intelectual isolada da realidade social e, por isso, fazem da abstração esquemática um instrumento de reimersão e engajamento nos conflitos da realidade, arrastando seus interlocutores para o confronto social (Borba, 2008).

As elaborações teóricas fundamentais de Proudhon, assimiladas e desenvolvidas por Bakunin (que descreve sua teoria como um sistema proudhoniano levado às suas consequências finais), indubitavelmente filiadas à tradição filosófica, desdobram-se em uma abordagem materialista e dialética, utilizada pelos autores para uma análise da realidade com vistas à sua transformação. A aplicação da dialética e dos conceitos gerais da filosofia materialista à análise do poder e da política é o que viabiliza a proposta do anarquismo moderno - um modelo específico de socialismo fundamentado numa análise rigorosa da natureza, da humanidade e de suas instituições.

Ao criticar o autoritarismo e as diversas formas de governo, Proudhon determina que o princípio da revolta é a investigação racional da verdadeira ordem das coisas, contestando a arbitrariedade da ordem dos soberanos.

Quanto mais ignorante é o homem, mais sua confiança e obediência ao guia são absolutas. Porém, o homem, cuja lei é conformar-se à regra, isto é, descobri-la pela reflexão e o raciocínio, pensa nas ordens dos seus chefes: ora, semelhante pensamento é um protesto contra a autoridade, um princípio de desobediência. A partir do momento em que o homem procura os princípios da vontade soberana, ele é um revoltado (PROUDHON apud RUGAI, 2011, p.138)

Desse modo, o anarquista é aquele que subverte o poder arbitrário ao descobrir racionalmente e se adequar às leis e à única ordem legítima, a ordem natural. O anarquismo seria a busca racional de um sistema para a sociedade deduzido da observação da realidade, tal como a humanidade concebe o funcionamento de sistemas na natureza.

As categorias gerais da filosofia materialista e o método dialético foram instrumentalizados pelos autores para a fundação de um modelo específico de socialismo, o anarquista, baseado filosoficamente em “[...] um rigoroso respeito à ordem natural reconhecida pela razão humana e, ao mesmo tempo, uma negação da ordem política arbitrária baseada na vontade de indivíduos e grupos que ignoram essa mesma ordem natural” (RUGAI, 2011, p. 139-140). Além desse empreendimento, esses mesmos instrumentos são os elementos constitutivos de um legado metodológico de caráter multifocal, adequado ao tratamento dos problemas das mais diversas áreas.

---

**Endereço de correspondência:** Luciana Brito, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Av. Higino Muzi Filho, 737, Mirante, CEP 17525-900, Marília, SP, Brasil, e-mail: luciana.brito@outlook.com

**Conflito de interesses:** Nenhum

Todos os autores leram e aprovam a versão final submetida a revista Em curso.



## Referências

- ABRUNHOSA, R. D. *Fundamentos político-pedagógicos a partir do pensamento de Mikhail Bakunin*. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2015.
- BAKUNIN, M. *Considerações filosóficas sobre o fantasma divino, o mundo real e o homem*. In: FERREIRA, A. C.; TONIATTI, T. (org.) *De baixo para cima e da periferia ao centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin*. Niterói - RJ: Ed. Alternativa, 2014.
- BORBA, J. R. A. *Relativismo e ceticismo na dialética serial de Proudhon*. 430f. Tese (Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BRITO, L. Da reconciliação com a realidade à instrução integral: contribuições filosóficas de Mikhail Bakunin às questões educacionais. *Revista Filogênese*, Marília, v. 7, n. 1, p.39-53, 2014.
- FERREIRA, A. C. Anarquismo, pensamento e práticas insurgentes: fenômeno da “Primeira Internacional”? In: FERREIRA, A. C.; TONIATTI, T. (org.) *De baixo para cima e da periferia ao centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin*. Niterói - RJ: Ed. Alternativa, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Teoria do poder, da reciprocidade e a abordagem coletivista: Proudhon e os fundamentos da ciência social no anarquismo*. OTAL, Rio de Janeiro, 2015.
- \_\_\_\_\_. Introdução. In: FERREIRA, Andrey Cordeiro. *Pensamento e práticas insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI*. Niterói: Alternativa, 2016a. p. 9-34.
- \_\_\_\_\_. Poderes científicos, Saberes insurgentes: rumo a uma ciência social dialética e antissistêmica. In: FERREIRA, Andrey Cordeiro. *Pensamento e práticas insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI*. Niterói: Alternativa, 2016b. p.37-70.
- GURVITCH, G. *Dialética e Sociologia*. São Paulo: Vértice, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Dialética e Sociologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971.
- MCLAUGHLIN, P. *Mikhail Bakunin: The philosophical basis of his anarchism*. Nova York, Algora Publishing, 2002.
- PROUDHON, P.-J. *De la création de l'ordre dans l'humanité*. Antony: Tops/Trinquier, 2000.
- \_\_\_\_\_. Da criação da ordem na humanidade ou Princípios de organização política. In: FERREIRA, Andrey Cordeiro. *Pensamento e práticas insurgentes: Anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI*. Niterói: Alternativa, 2016. p. 71-79.
- \_\_\_\_\_. *Textos escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Do princípio federativo*. São Paulo: Imaginário, 2001.
- RUGAI, R. R. *O socialismo como crítica da economia política: as questões econômicas na obra de Proudhon (1838-1847)*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.